

**O DESLUMBRAMENTO CONTEMPLATIVO COMO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO: CONSIDERAÇÕES EDUCACIONAIS**

***EL DESLUMBRAMIENTO CONTEMPLATIVO COMO PROCESO DE
CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO: CONSIDERACIONES EDUCATIVAS***

***CONTEMPLATIVE WONDER AS A KNOWLEDGE CONSTRUCTION PROCESS:
EDUCATIONAL REMARKS***



Ellen Nogueira RODRIGUES¹
e-mail: ellen_unasp@hotmail.com

Como referenciar este artigo:

RODRIGUES, E. N. O deslumbramento contemplativo como processo de construção de conhecimento: Considerações educacionais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023089, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17708>



- | Submetido em: 08/02/2023
- | Revisões requeridas em: 25/03/2023
- | Aprovado em: 22/06/2023
- | Publicado em: 03/10/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Engenheiro Coelho – SP – Brasil. Professora do Mestrado Profissional em Educação do UNASP.

RESUMO: As experiências de deslumbramento que visam promover a perplexidade, a formulação de hipóteses e a investigação do significado da experiência humana nas práticas de ensino são escassas. Portanto, o presente artigo tem como objetivo identificar e analisar a educação do deslumbramento contemplativo articulada por Anders Schinkel para o campo educacional e a educação moral. Este trabalho, de natureza teórica, se apoia no referencial teórico do pensamento filosófico educacional de Schinkel, no qual analisaremos as principais obras do autor. Os resultados da pesquisa indicam o potencial do deslumbramento contemplativo para o reconhecimento dos limites do conhecimento humano, ao proporcionar uma postura de atenção receptiva para algo que é familiar e promove novas possibilidades, bem como concepções abrangentes e profundas da realidade. Além disso, o deslumbramento abre horizontes para estabelecermos um tipo de relacionamento com o mundo de apreciação, respeito e cuidado diante da humanidade e as formas de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Deslumbramento contemplativo. Processos de construção de conhecimento. Educação. Práticas de ensino. Educação moral.

RESUMEN: *Las experiencias de asombro que pretenden promover la perplejidad, la formulación de hipótesis y la investigación del significado de la experiencia humana en las prácticas docentes son escasas. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo identificar y analizar la educación del deslumbramiento contemplativo articulada por Anders Schinkel para el campo educativo y la educación moral. Esta obra, de carácter teórico, se basa en el marco teórico del pensamiento filosófico educativo de Schinkel, en el que analizaremos las principales obras del autor. Los resultados de la investigación indican el potencial del deslumbramiento contemplativo para el reconocimiento de los límites del conocimiento humano, al proporcionar una postura de atención receptiva a algo que es familiar y promueve nuevas posibilidades, así como concepciones integrales y profundas de la realidad. Además, el deslumbramiento nos abre horizontes para establecer una especie de relación con el mundo del aprecio, el respeto y el cuidado ante la humanidad y las formas de vida.*

PALABRAS CLAVE: *Deslumbramiento contemplativo. Procesos de construcción de conocimiento. Educación. Prácticas docentes. Educación moral.*

ABSTRACT: *Wonder experiences that aim to promote perplexity, the formulation of hypotheses and the investigation of the meaning of human experience in teaching practices are scarce. Therefore, this article aims to identify and analyze the education of contemplative wonder articulated by Anders Schinkel for the educational field and moral education. This work, of a theoretical nature, is based on the theoretical framework of Schinkel's educational philosophical thought, in which we will analyze the author's main works. The research results indicate the potential of contemplative wonder for recognizing the limits of human knowledge, by providing an attitude of receptive attention to something that is familiar and promoting new possibilities and far-reaching and profound conceptions of reality. In addition, wonder opens horizons for us to establish a kind of relationship with the world of appreciation, respect and care for humanity and life forms.*

KEYWORDS: *Wonder education. Knowledge construction process. Education. Teaching practices. Moral education.*

Introdução

As crianças naturalmente experienciam o senso de deslumbramento, de encanto e de mistério ao se depararem com certos fenômenos, objetos e a realidade que os cerca. Na medida que crescemos, nos tornamos tão familiarizados com a realidade que acabamos por trivializar nossa inclinação à contemplação e perplexidade com a vida. Conforme Schinkel comenta (2018, p. 1), “as crianças gradualmente perdem a inclinação natural de enxergar as coisas com admiração em relação ao porquê, como e o quê das coisas.” Ao nos depararmos com mudanças e inovações constantes e um modo de vida altamente tecnológico, aquilo que nos é familiar, como o pôr do sol ou o processo de fotossíntese, torna-se insignificante e banal. Diante de tal cenário, acreditamos que é necessário suscitar e disseminar nos alunos experiências de deslumbramento no processo educacional como recurso valioso para promover a curiosidade, a formulação de hipóteses e como meio para explorar a experiência humana e o significado da vida.

As políticas educacionais contemporâneas tendem a se apropriar de postulados neoliberais voltados para o desempenho, testes padronizados, avaliações e sistema de notas dos alunos, que acabam por reforçar a busca por respostas prontas, ao invés de encorajar a dúvida, o questionamento, o deslumbramento e o uso da imaginação para formular possíveis concepções alternativas às questões investigadas na escola (D'AGNESE, 2020). Nesse sentido, pesquisadores do campo da educação, como Hadzigeorgiou (2012), Egan, Cant e Judson (2013), Schinkel (2018; 2021) e Schinkel *et al.* (2020), advogam a necessidade de estimular experiências de deslumbramento no contexto educacional, conforme as perspectivas articuladas na área de estudo emergente denominada *Wonder Education*, que estamos traduzindo em português como Educação do Deslumbramento.

O objetivo do presente artigo é identificar e analisar as noções fundamentais da educação do deslumbramento contemplativo articulada por Anders Schinkel para o campo educacional e, mais especificamente, a educação moral. Este trabalho, de natureza teórica, se apoia no referencial teórico do pensamento filosófico educacional de Schinkel (2018; 2021) e Schinkel *et al.* (2020), cujos principais textos a serem analisados são: *Wonder and Education: On the Educational Importance of Contemplative Wonder* (O deslumbramento e a educação: a importância educacional do deslumbramento contemplativo), *Wonder, Education, and Human Flourishing: Theoretical, Empirical, and Practical Perspectives* (Deslumbramento, educação e florescimento humano: perspectivas teóricas, empíricas e práticas) e *What Should Schools Do to Promote Wonder?* (O que as escolas devem fazer para promover a o deslumbramento?). Nas

seções a seguir será apresentado o conceito de deslumbramento contemplativo de Schinkel para a educação e a educação moral, bem como o processo de construção do deslumbramento contemplativo no âmbito da sala de aula. Por fim, apresentaremos as conclusões e implicações do deslumbramento contemplativo para a educação.

O Conceito de Deslumbramento Contemplativo para a Educação

O filósofo da educação Anders Schinkel é professor associado da Faculdade de Comportamento e Ciência do Movimento da Universidade Vrije Amsterdam, na Holanda. Ele faz parte do instituto de pesquisa interdisciplinar LEARN!, cujo objetivo é desenvolver diversas pesquisas no campo da educação. Um dos principais conceitos desenvolvidos por Schinkel (2018; 2021) e Schinkel *et al.* (2020) é denominado *Wonder Education*, que orienta seu pensamento e reflexão educacional.

O Deslumbramento Inquisitivo e Contemplativo

A noção de deslumbramento é vista como fundamental para promover a participação ativa e criativa do aluno, a fim de potencializar processos sistêmicos em que o aluno possa analisar, avaliar, questionar e vivenciar processos de aprendizagem mais significativos e prazerosos. Schinkel *et al.* (2020) apontam dois importantes processos que orientam a construção do conhecimento pelos alunos, tanto no contexto da sala de aula como no contexto social mais amplo: o deslumbramento inquisitivo e o contemplativo. No deslumbramento contemplativo, algo nos impressiona de tal modo que acaba por nos silenciar, revelando o limite do nosso conhecimento com relação à uma esfera mais profunda de sentido e significado da realidade. Por sua vez, o deslumbramento inquisitivo envolve uma postura de busca de explicações, que se aproxima da curiosidade.

Segundo o autor, embora os dois processos do conhecimento sejam imperiosos na prática educacional, ele destaca a ausência do deslumbramento contemplativo nas contingências do dia a dia da sala de aula, que impede em grande medida a expansão e interiorização do conhecimento. Contudo, Schinkel *et al.* (2020, p. 36) destacam também “o cuidado com a reificação entre a distinção do deslumbramento contemplativo e inquisitivo, como se estivéssemos lidando com duas realidades claramente separadas.”. Em outras palavras, esses conceitos servem para evidenciar formas abstratas de retratar a realidade, ao observarmos as diferenças qualitativas do conhecimento. Entretanto, não há linhas demarcatórias exatas entre os conceitos e, além disso, as fronteiras entre eles não são estritas.

Para elucidar o conceito de deslumbramento contemplativo, Schinkel (2021) toma como exemplo a sua própria experiência de ter encontrado uma rã na praia. Esse evento o levou a questionar, analisar e ponderar como aquele ser vivo e pequeno teria parado ali. Seu encontro com esse animal inicialmente desencadeou uma série de indagações que promoveu a inquietação inquisitiva e, então, levou ao deslumbramento contemplativo. Nesse nível mais profundo de deslumbramento, ficamos impressionados pelo objeto observado (natureza, virtudes morais, verdade etc) e movidos para além dos nossos pressupostos sobre do que pensamos enxergar acerca da realidade. Há, portanto, no deslumbramento, o reconhecimento do limite do nosso entendimento do mundo como o conhecemos. Isto é, o objeto de nosso deslumbramento “apresenta os limites em perspectiva, nos lembra das nossas limitações, e ao mesmo tempo revela que existe um ‘mundo’ além da nossa imagem do mundo” (SCHINKEL, 2021, p. 74). O foco no objeto faz-nos esquecermos de nós mesmos, para percebermos o mundo como algo valioso por si mesmo, onde nos vemos confrontados pelo mistério e pela perplexidade, e buscamos significados mais profundos da realidade.

De acordo com Schinkel (2021), o deslumbramento contemplativo engloba uma variedade de experiências, a saber: (1) o reconhecimento do limite do conhecimento humano sobre o mundo; (2) o caráter de encontro; e (3) a abertura para a revelação. Na primeira característica, ao reconhecermos as limitações e a precariedade do nosso *framework* interpretativo da realidade, nos deparamos com o que não sabemos, o que de fato compreendemos e o que não conseguimos entender sobre a realidade que nos circunda. Assim, é a partir da consciência das incertezas que tomamos interesse pelo mundo, por meio do qual a imaginação se desperta e constrói possibilidades alternativas (SCHINKEL, 2021).

A segunda característica do deslumbramento contemplativo envolve um caráter de encontro com o objeto. Há uma atitude de atenção receptiva para algo que é familiar, mas que reconhecemos como algo importante por si mesmo, inerentemente valioso e digno de respeito, ao mesmo tempo que causa incompreensão e perplexidade. Ao nos deslumbrarmos com um fenômeno ou objeto particular “percebemo-lo não de forma analítica, mas como um todo e, como não podemos compreendê-lo conceitualmente por completo (apenas abstrações do todo), torna-se ‘um excesso para nós’ e porta um caráter de mistério” (SCHINKEL *et al.*, 2020, p. 28). Com isso, a experiência do deslumbramento contemplativo está conectada à consciência do objeto em toda a sua amplitude, não de forma atomista ou analítica, que se revela deslumbrante, misterioso e perplexo.

Conforme Malpas (2006, p.62) descreve, o deslumbramento contemplativo tem fenomenologicamente um “caráter de encontro que se mostra revelador, um abrir-se para as coisas e o mundo – que se situam no centro da experiência do deslumbramento contemplativo.”. Esse encontro requer abertura para com o objeto, ao qual é adicionado uma nova camada de significado ao conhecimento pré-existente. Contemplamos o objeto como inerentemente valioso e importante ao sobrepormos o significado trivial usualmente dado ao que já nos é familiar. Além disso, o caráter de encontro com o objeto pode evocar uma gama de sentimentos e atitudes de apreciação, de respeito e de reverência (SCHINKEL, 2021).

A terceira característica abrange a abertura para a revelação para modos de contemplação e interpretação que nos apresentam algo sobre mundo que sobrepassa nossas percepções e conjecturas. De acordo com Schinkel (2021, p. 46), o deslumbramento contemplativo “desperta nossa capacidade mental para a abstração e o pensamento mais elevado e direciona nossas atividades mentais para construir modelos mais amplos na qual as partes das nossas vidas são pensadas em termos de significado e propósito.”. Nesta direção, Fuller (2006) argumenta que o deslumbramento nos leva a confrontarmos um mundo elusivo ‘por trás’ e ‘além’ da nossa percepção, ao olharmos além dos nossos planos e interesses, ao buscarmos significado e a consciência de ideais morais.

À vista disso, o caráter de revelação do deslumbramento decorre do reconhecimento da precariedade e inadequação de nossa interpretação da realidade, ao despertar concepções mais amplas e abrangentes do real. Portanto, o deslumbramento contemplativo compreende variadas formas de sermos potencialmente tocados pelo mundo, que vão além da maneira tradicional de olharmos e pensarmos sobre ele (SCHINKEL, 2021). Embora a experiência do deslumbramento contemplativo fuja de conceitualizações exatas, Schinkel (2021, p.47) propõe a seguinte definição:

É um modo de consciência na qual experienciamos aquilo que percebemos ou contemplamos como estranho, profundamente outro ou misterioso, fundamentalmente além dos nossos limites da nossa compreensão, porém digno de atenção por si mesmo, na qual a atenção tem uma forma aberta, uma postura receptiva, e uma conciliação com o mistério.

Há uma postura receptiva e uma tomada de consciência para o objeto de valor e seu caráter de importância, que nos faz acessar o universo transcendente, a dimensão cósmica e o significado da vida. No deslumbramento contemplativo somos movidos a valorizar o objeto (a realidade material, as virtudes, a natureza etc.) e reagir em uma variedade de valências afetivas, como a apreciação, a felicidade, o respeito e a reverência. Essa abertura para o mundo, ao

criarmos significado das coisas ordinárias da vida, nos enche de perplexidade, de imaginação e mistério, e nos move para além da nossa experiência trivial e de um modo de consciência orientado apenas para objetivos utilitários.

Schinkel (2021) considera o deslumbramento contemplativo como um processo que se inicia com um objeto familiar, mas que acaba por desfamiliarizar-se do que era visto como trivial. Assim, tomamos consciência dele como algo completamente novo, aberto à possibilidade de uma experiência imaginativa e de caráter revelador sobre a existência humana. Nesse sentido, a educação via deslumbramento contemplativo promove significativas experiências no processo de construção do conhecimento no contexto educacional e na educação moral, que é o foco das seções abaixo.

O Processo de Construção do Deslumbramento Contemplativo no Âmbito da Sala de Aula

Nos processos interativos em sala de aula, podemos observar o deslumbramento, a curiosidade e a perplexidade natural das crianças com os aviões, os tratores, o céu, os arco-íris e tudo que as cerca. Elas espontaneamente formulam perguntas como: “Por que os corvos se agrupam durante a noite?”, “Como as folhas fazem seu formato?” e “Como os musgos sobrevivem no inverno?” São inúmeras as indagações e o desejo de conhecer a realidade. No entanto, a inclinação natural de atribuírem importância ao mundo observado vai gradualmente sendo reduzida, na medida em que as experiências se tornam triviais e ordinárias. Além disso, prevalece nas experiências educacionais dos alunos a ênfase nas dimensões cognitivas e inquisitivas, e poucas experiências de despertar e interesse com as coisas e objetos do mundo.

Schinkel (2018; 2021) e Schinkel *et al.* (2020) identificam, na prática pedagógica, a ausência de intencionalidade com o ensino que promova a perplexidade e encanto com o mundo natural. O autor rememora uma aula em que o professor solicitou aos alunos que colhessem folhas e colassem no caderno. Ele recorda a falta de sentido e objetivo na atividade, pois o professor não engajou os alunos no senso de deslumbramento, de imaginação e de perplexidade presentes no objeto de estudo. Cabia ao professor projetar a folha em direção à luz, para que os alunos pudessem analisar e contemplar a complexidade e peculiaridade das partes das folhas. O simples ato de evidenciar a folha possibilitaria engajamento, indagações e conjecturas, o que revela o potencial do deslumbramento contemplativo para a experiência do aluno.

A educação para o deslumbramento contemplativo busca resgatar o seu papel na prática de ensino, de modo a despertar maior entendimento e apreciação pelo mundo, pois fomenta a

dúvida, formas alternativas de pensamento, a descoberta de coisas novas e o espanto e maravilhamento com o espetáculo do universo. Essa experiência “descortina o novo no velho, o estranho no familiar e o extraordinário no ordinário” (WORDSWORTH, 2014). Assim, somos motivados a nos desfamiliarizar da experiência ordinária e trivial, ao formularmos novas interpretações e significados para a realidade (SCHINKEL, 2021). Por meio da exploração e da dúvida genuína, os alunos formulam novas interpretações e perspectivas pessoais.

Conforme Schinkel (2021, p. 136) afirma, o deslumbramento contemplativo nos move para “além da superfície”, da mera familiaridade com as coisas e aceitação das coisas como são. Consequentemente, há uma reavaliação das perspectivas e importância dada ao mundo natural, na qual o ego é colocado no plano de fundo e, em primeiro plano, há o reconhecimento do valor intrínseco das coisas e eventos. O deslumbramento com aquilo que nos é familiar vai além do nosso poder de compreensão e somos expostos à condição de vulnerabilidade. Isso implica uma abertura para o mistério, a curiosidade e a imaginação.

Entretanto, existe uma diferença fenomenológica entre estar curioso e se deslumbrar. Segundo o autor, a curiosidade consiste no desejo de conhecer o objeto, enquanto no deslumbramento o objeto tem o palco central. No processo de deslumbramento, o “eu” é descentralizado e esvaziado, e o objeto nos afeta ao reconhecermos o seu valor. Em contrapartida, a curiosidade faz com que busquemos o objeto, como no caso em que queremos saber o que está dentro da caixa de presente embaixo da árvore de Natal. Na curiosidade o foco está no desejo em saber, ao passo que no deslumbramento contemplativo está no objeto, pelo seu valor intrínseco. A apreciação e assimilação do objeto permite reavaliar as pressuposições existentes e desbravar novas ideias. Portanto, integrar o deslumbramento aos conteúdos possibilita a incerteza, o encantamento e a perplexidade para reconhecer novas possibilidades e ideias sobre o mundo.

Para o teórico holandês, os seguintes pontos podem ser empregados para promover o deslumbramento contemplativo na sala de aula. O primeiro aspecto é preservar a experiência natural de deslumbramento nas crianças (SCHINKEL, 2021). Certa vez, uma professora começou a aula comentando que o seu carro é movido à fósil. Os alunos ficaram imediatamente impressionados e intelectualmente instigados com a afirmação. Antes que a curiosidade das crianças desse lugar à impaciência, ela explicou o que isso significa: o meu carro é movido a petróleo, um produto originado do *petroleum*, que é derivado do fósil. O fósil é formado naturalmente quando microrganismos (e.g plantas e algas) ficam enterrados e sujeitos ao calor intenso, ao serem pressurizados por eras (SCHINKEL, 2021).

O segundo aspecto se relaciona ao cultivo da sensibilidade e da disposição dos alunos ao deslumbrarem-se diante do mundo, ao abrirem espaço para a perplexidade, o mistério, a apreciação da natureza e dos objetos materiais. Nesse sentido, o professor pode incluir na sua prática de ensino o que lhe causa espanto e deslumbramento na sua vida pessoal e nos conteúdos ensinados, ao criar práticas de ensino que superem práticas burocratizadas instituídas pela racionalidade instrumental/técnica (BERKENBROCK-ROSITO; DE OLIVEIRA, 2022). Piersol (2013) observou, durante um ano, uma professora disposta a integrar suas indagações e deslumbramentos ao conteúdo programático e à realidade da sala de aula. Nas perguntas apresentadas pela professora, os alunos puderam explorar respostas descritivas de causa e efeito acerca dos fenômenos em vista, bem como acerca da grandeza e do mistério associado à vida humana e do mundo natural. O deslumbramento abre avenidas na prática de ensino para que os alunos possam ser surpreendidos diante dos conhecimentos do mundo, ao invés de considerarem os saberes como entidades estáticas ou como dados imutáveis, em que há pouca coisa ainda por desbravar (PIERSOL, 2004; SCHINKEL, 2021).

Já o terceiro aspecto envolve valorizar no processo de ensino-aprendizagem os momentos de deslumbramento e perplexidade dos alunos. As perguntas e inquietações são importantes meios para o deslumbramento e engajamento do aluno. Nesses casos, os aprendizes se envolvem com as atividades porque se interessam genuinamente em conhecer e descobrir o significado daquilo que estão aprendendo.

Wolbert e Schinkle (2021) sugerem alguns recursos pedagógicos a fim de estimular o senso de deslumbramento no contexto da sala de aula: (1) exploração; (2) improvisação; (3) imaginação; e (4) interesse pessoal. O primeiro recurso, que é a exploração, requer a atenção dada à natureza, principalmente em excursões ao campo. Na natureza os alunos ficam deslumbrados acerca das coisas e eventos: as engenhosas redes da aranha, a planta que circula sobre a árvore ou o fato de a natureza ter uma lei do serviço, na qual um depende e está em relação de serviço com o outro. Esses elementos evocam a surpresa e a perplexidade do aluno, na qual o professor poderá com sensibilidade ir além da mera surpresa para uma experiência profunda de deslumbramento, ou essa experiência pode levá-lo à uma atitude inquisitiva (TROTMAN, 2014, p. 37). Tomando como exemplo o encontro com a aranha, os alunos podem ter uma atitude inquisitiva ao se perguntarem: “Como a aranha faz isso?”, ou contemplativa, ao mencionarem: “Que incrível que a aranha consegue fazer isso!”. É comum essas experiências evocarem primeiramente o deslumbramento inquisitivo e, na sequência, um olhar contemplativo, ao serem surpreendidos com algo inesperado e intrigante. Por meio das

perguntas e afirmações dos alunos conseguimos identificar o tipo de deslumbramento, contemplativo ou inquisitivo. A afirmação “O céu é azul” compreende um processo de conhecimento contemplativo, enquanto a questão “Se as estrelas caem toda hora, por que ainda temos tantas estrelas no céu?” é inquisitivo.

A natureza provê inúmeras oportunidades para o deslumbramento. Piersol (2004) relata que uma professora, em uma excursão com os alunos em meio à natureza, fez o seguinte comentário: “Os esquilos têm usado os ramos das árvores como grelha de secagem.”. Essa informação despertou inúmeras perguntas nos alunos: “Como eles aprenderam a fazer isso?”, “Por que eles colocam na árvore de abeto?” e “Quanto tempo leva para secar um cogumelo?”. Conforme a autora, não cabe apenas incluir o deslumbramento no currículo: o movimento também envolve um processo de desvelar o que já existe nele (PIERSOL, 2013). Nesta direção, Schinkel (2021, p. 136) afirma que “o mais preocupante com a ausência do deslumbramento contemplativo na sala de aula é que não apenas ignoramos o seu potencial, mas ativamente o desencorajamos.”. Devido à excessiva sobrecarga de conteúdos e competências no currículo, o professor é impedido de encorajar o entusiasmo, o estranhamento e um modo de ver o mundo como algo extraordinário.

O segundo recurso pedagógico é a improvisação. Devido às demandas e limitações de tempo, a improvisação é chave para a pedagogia do deslumbramento. Em geral, mais do que a construção de trilhas pedagógicas, é necessário espaço para os alunos explorarem suas indagações e experiências de deslumbramento contemplativo na prática efetiva da sala de aula. Por exemplo, uma professora estava dando aula de português sobre um poema relacionado à mosca e ao sapo. Um aluno comentou que o sapo é o predador da mosca e que ele tem uma cola na língua. Logo, outro aluno disse à professora: “Um dia eu estava em um sítio à tarde com meu pai e um sapo estava comendo moscas, quando de repente ele comeu uma cigarra. Foi demais! O meu pai e eu ficamos ouvindo a cigarra dentro do sapo um tempão.”. A professora olhou para o aluno e respondeu: “Legal, vamos voltar para nossa atividade de compreensão de texto.”. Certamente a professora tinha um cronograma a cumprir ao buscar atender as demandas da escola, mas acabou por não valorizar um momento chave para suscitar o processo da contemplação, o que, de fato, exige dar espaço a novas possibilidades de ensino.

Cabe ao professor uma abertura para explorar as perguntas dos alunos, ao estimular a imaginação, a contemplação e a descoberta. Deverá assim facultar oportunidades para que os alunos adquiram uma consciência do objeto ou fenômeno, dimensão importante, mas não necessariamente presente no processo de curiosidade (HADZIGEORGIOU, 2012;

SCHINKEL, 2021). Nesse sentido, Hadzigeorgiou (2012) e Schinkel (2021) destacam o papel da consciência para o senso de deslumbramento, pois esse processo de construção do conhecimento depende do estado de consciência. Em geral, vários elementos da nossa consciência são mobilizados com o senso de deslumbramento (HADZIGEORGIOU, 2012, p. 989):

Consciência que meu conhecimento é incompleto ou equivocado.
Consciência que existe algo mais a ser aprendido.
Consciência que algum fenômeno existe afinal.
Consciência de conexões inesperadas entre o fenômeno e ideias.
Consciência da beleza do fenômeno natural.

Portanto, as experiências de deslumbramento contemplativo requerem uma postura diante da realidade que pode ser despertada por meio do currículo, da abertura ao diálogo e de novas rotas de aprendizagem que valorizem momentos de encontro do aluno com situações e ideias de perplexidade, de surpresa e de admiração diante do belo, do inesperado e do familiar. Hadzigeorgiou (2012) relata a primeira vez que visitou uma caverna com a escola no ensino fundamental. O autor descreve seu sentimento de surpresa e incompreensão das rochas “com aparência de gelo ou de açúcar mascavo”, isto é, as rochas sedimentares estalactites e estalagmites. Nesse evento, ele descreve ter experienciado um senso de deslumbramento, que repercutiu na sua escolha da carreira profissional. Assim, as experiências de deslumbramento desvelam processos de consciência e de sentido do indivíduo em relação ao que lhe é de valor, de interesse e de propósito a ser atingido.

Mas, afinal, qual é o impacto do deslumbramento contemplativo no conteúdo programático e na prática de ensino na sala de aula? Hadzigeorgiou (2012) apresenta dados de pesquisa da integração desse tipo de aprendizagem na prática pedagógica de um professor. Com o auxílio de Hadzigeorgiou, o professor identificou em sua disciplina as ideias e fenômenos potenciais do deslumbramento. O pesquisador comparou duas classes do mesmo ano do ensino fundamental: em uma classe, a instrução era direcionada para o deslumbramento enquanto na outra seguiu-se o currículo normalmente. Os instrumentos para análise de dados se basearam em pré e pós-teste, que foram aplicados aos alunos acerca do conteúdo da disciplina de física. Além disso, eles receberam um diário de registro das ideias que lhes impressionaram e identificaram como importantes, bem como os seus pensamentos acerca do que aprenderam e do que gostariam de se aprofundar.

Na parte inicial da pesquisa, Hadzigeorgiou (2012) identificou as ideias e conceitos potenciais para o deslumbramento dos alunos. Observe a seguir alguns exemplos relatados pelo autor:

Tabela 1 – Conceitos potenciais para o deslumbramento

Conceitos Selecionados	
Força e Movimento	Terceira Lei de Newton: Dois carros em colisão, independente da diferença de suas massas, experimentam a mesma força. Primeira lei de Newton: Pode haver movimento em linha reta e velocidade constante, não importante quão largo o objeto, na ausência de força resultante. Isto é, uma espaçonave pode viajar em linha reta por um milhão de milhas por hora e, todavia, o resultado da força ser zero.
Massa	A massa é 99,99% espaço vazio. Se fôssemos remover todo o espaço vazio existente nos átomos nos corpos de todas as pessoas do planeta, então toda a partícula subatômica contida nos corpos das pessoas iria caber facilmente em uma bola de pingue-pongue.
Luz	A luz é invisível, não podemos vê-la, podemos ver apenas os objetos que ela atinge. A luz dos objetos não são propriedade do próprio objeto, mas o resultado da interação da luz com os objetos.

Fonte: Hadzigeorgiou (2012, p. 992)

A análise dos resultados do estudo aponta que a experiência de deslumbramento tem impacto na perspectiva dos alunos sobre os fenômenos naturais. Nos diários, observou-se que as experiências de aprendizagem que promovem o deslumbramento foram as fontes de perguntas e comentários presentes na escrita dos alunos. Os comentários e ideias mais importantes sobre o conteúdo da disciplina registrado nos diários revelam experiências de deslumbramento. Além disso, quando aplicados o pré e pós-teste do conteúdo da disciplina, a classe onde o professor intencionalmente trabalhou com a perspectiva de inserir experiências de deslumbramento evidenciou melhor retenção e compreensão dos conteúdos. Desse modo, o papel do deslumbramento é desestabilizar nossas certezas e nos fazer rever conceitos e ideias sobre a realidade, assegurando melhores condições de aprendizagem e engajamento dos alunos.

Despertar o deslumbramento significa ajudar o aluno a se engajar no processo de ensino e aprendizagem, e o professor exerce um papel fundamental a fim de suscitar nos estudantes a imaginação, a expressão, a descoberta, a contemplação e os processos inquisitivos como fio condutor nas práticas pedagógicas. Também significativo na apropriação da experiência

contemplativa é a tomada de um tipo de consciência que influi na perspectiva moral (SCHINKEL, 2021).

O Deslumbramento Contemplativo e a Educação Moral

Schinkel (2021) argumenta que quando estimulamos o senso de deslumbramento no processo educacional podemos desenvolver atitudes moralmente desejáveis nos alunos. O autor afirma que, “o deslumbramento contemplativo pode ser moralmente importante e, certamente, devemos promovê-lo como parte integrante da Educação Moral” (SCHINKEL, 2021, p. 126). O potencial do deslumbramento repousa no acesso ao mundo, nos alunos perceberem, entenderem e agirem nele de forma efetiva, adequada e responsável. Para este filósofo da educação, o deslumbramento abre horizontes para estabelecermos um tipo de relacionamento com o mundo, de apreciação e de apropriação de si mesmo e do outro, que envolve cultivar ações, atitudes e emoções que visam o cuidado, a compaixão e o respeito.

Há, no senso de deslumbramento, o interesse pelo mundo como algo significativo e importante em si mesmo, que nos sensibiliza para aquilo que é de valor. De acordo com Schinkel *et al.* (2020, p. 129), “o deslumbramento promove o cultivo das sensibilidades, das crenças e das disposições para um agir que busca promover e proteger a vida, de modo a usufruir plenamente da alegria, da beleza e do amor, bem como de outras formas de importância do mundo”. A educação moral visa o desenvolvimento de uma postura e atitude diante do mundo que valoriza o pensar e agir virtuoso (PRING, 2001). Esse processo de conhecimento desperta a reavaliação da importância e do significado da vida, instiga a considerar alternativas e desperta a atenção ao valor intrínseco das coisas, das pessoas, das criaturas, da realidade natural e social.

Schinkel (2021) considera que a dimensão moral vai além do processo de socialização de um código moral, pois implica a responsabilidade e responsividade da pessoa para com aquilo que é de valor. Desse modo, o deslumbramento permite reconhecer novas experiências morais, como um antídoto ao dogmatismo, pois leva o ser humano a contemplar o significado da vida e seu valor em termos do que é moralmente aceitável e louvável. Estimula a ir além do nosso egocentrismo para enxergarmos a vida como algo que exige respeito e cuidado. Desse modo, somos impelidos a pensar para além do *self*, o que instiga a agirmos de forma respeitosa para com o mundo e as pessoas. Conforme Schinkel (2021, p. 135) expressa, ao “abster-se dos nossos próprios desejos e interesses e se abrir para o valor de um outro objeto ou pessoa, a ‘lógica’ do deslumbramento prepara o caminho para a compaixão.”. O senso de encantamento

e de mistério causado pelo deslumbramento contemplativo provoca a desatenção aos nossos próprios interesses e desejos para uma atitude de respeito e cuidado com toda a forma de vida, o que instiga a empatia, o amor e a compaixão. De fato, nos lança a pensar nosso arcabouço interpretativo acerca de como queremos viver e do bem viver. Portanto, Schinkel (2021) reconhece o deslumbramento como uma experiência mobilizadora do desenvolvimento moral, ao despertar uma reavaliação da importância das coisas e ao viabilizar a empatia e a compaixão da pessoa.

Considerações finais

O excesso de informação e exigências da vida atual, bem como as mudanças sociais, culturais e cognitivas proporcionadas pelas tecnologias de comunicação e informação nos fazem trivializar nossa inclinação inicial à contemplação da perplexidade da vida. No entanto, o deslumbramento contemplativo permite integrar as práticas de ensino às possibilidades de encantamento e incertezas acerca da realidade, que promove a reavaliação de pressuposições existentes e formas alternativas de pensamento, para uma esfera mais profunda de sentido e significado da realidade. Em sua teoria do deslumbramento contemplativo, Schinkel *et al.* (2020) nos permitem compreender que esse processo de construção do conhecimento desperta o reconhecimento dos limites do entendimento humano para uma abertura e postura de atenção receptiva para algo que é familiar, que nos dá acesso a novas possibilidades e concepções mais abrangentes e profundas da realidade.

Para Schinkel (2021), o objeto ou fenômeno familiar aparentemente ordinário e trivial tem o potencial de reavaliação das perspectivas pessoais, ao revelar a descoberta de novas possibilidades e fontes de conhecimento. Além disso, o deslumbramento é um caminho para a experiência inquisitiva, e este, para o deslumbramento como um processo interativo. Por isso, é necessário estimular nas práticas educacionais na sala de aula a experiência do deslumbramento, ao abrir espaço para a perplexidade, a apreciação da natureza e fenômenos da realidade, bem como valorizar as perguntas e inquietações que expressam o deslumbramento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

A fim de cultivar a sensibilidade e disposição para o deslumbramento, os professores podem ser intencionais em compartilhar suas próprias ideias e indagações que causam perplexidade. Nesse sentido, a improvisação é essencial, pois dá espaço para que os alunos possam explorar as experiências de deslumbramento, promovendo novas possibilidades de

ensino e aprendizagem. As perguntas referentes ao deslumbramento contemplativo podem suscitar nos estudantes um interesse genuíno em conhecer e descobrir o significado do que estão aprendendo e identificar o que é de interesse e propósito, como possíveis caminhos para escolha de profissão.

O filósofo da educação em questão considera o deslumbramento contemplativo como uma experiência que promove o (1) reconhecimento do limite do conhecimento humano sobre o mundo; (2) o caráter de encontro; e (3) a abertura para a revelação. Essas facetas do deslumbramento são importantes, pois é a partir do reconhecimento do limite do conhecimento que tomamos interesse pelo mundo, ao despertar nossa imaginação, emoção e reflexão sobre possibilidades alternativas. Essa experiência permite descentralizar e esvaziar o *self*, além de nós mesmos, para um objeto e fenômeno que nos afeta, ao reconhecermos seu valor. Schinkle (2021) discorre pouco acerca da relação do objeto como portador de valor, bem como o valor intrínseco do objeto e a noção do belo. Contudo, para o autor, o deslumbramento promove uma consciência profunda do objeto como algo de valor. Essa experiência é importante, pois podemos perceber o objeto em toda a sua amplitude.

Na experiência de abertura para a revelação, não apenas somos despertados para atividades mentais de abstração, como também reconhecemos concepções mais amplas da realidade, nas quais a dimensão moral diz respeito à nossa postura diante do mundo e o respeito e cuidado diante da humanidade e das formas de vida. O nosso autor comenta que o deslumbramento contemplativo é um caminho para desenvolver atitudes moralmente desejáveis, pois abre horizontes para estabelecermos um tipo de relacionamento com o mundo de apreciação e de apropriação de si mesmo e do outro, que envolve cultivar ações, atitudes e emoções que visam o cuidado, a compaixão e o respeito (SCHINKEL, 2021). Pensar os limites da nossa existência e dar valor a algo além de nós mesmos permite coordenar as perspectivas pessoais e a consciência e defesa da dignidade do outro. Desse modo, reconhecemos novas experiências morais que nos instigam a agir de forma respeitosa para com o mundo e as pessoas. Portanto, a perspectiva teórica do autor acerca do deslumbramento contemplativo no contexto educacional pode orientar a prática de ensino ao estimular a dúvida, o questionamento, o encantamento e a imaginação, bem como a expansão de novas fontes de conhecimento, de significado e de aceitação do outro em sua dignidade de ser humano.

REFERÊNCIAS

- BERKENBROCK-ROSITO, M. M.; DE OLIVEIRA, K. M. Experiência estética: autonomia e submissão tramada de medo e ousadia na tecedura da “Colcha de Retalhos”. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 7, n. 4, p. 2918-2936, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17455/15277> Acesso em: 10 fev. 2023.
- D’AGNESE, V. Contrasting the neoliberal educational agenda: wonder reconsidered. *In*: SCHINKEL, A. (org.). **Wonder, education and human flourishing: Theoretical, empirical, and practical perspectives**. Holland: VU University Press, 2020.
- EGAN, K.; CANT, A. I.; JUDSON, G. (ed.). **Wonder-full education: The centrality of wonder in teaching and learning across the curriculum**. Londres: Routledge, 2013.
- FULLER, R. C. **Wonder: from emotion to spirituality**. Chapel Hill: the University of North Carolina Press, 2006.
- HADZIGEORGIOU, Y. P. Fostering a sense of wonder in the science classroom. **Research in Science Education**, v. 42, p. 985-1005, 2012.
- MALPAS, J. Beginning in wonder: Placing the origin of thinking. *In*: KOMPRIDES, N. **Philosophical Romanticism**. New York: Routledge, 2006. p. 282-298.
- PIERSOL, L. Our hearts leap up: awakening wonder within the classroom. *In*: EGAN, K., CANT, A.; JUDSON, G. (ed.). **Wonder-full education: The centrality of wonder in teaching and learning across the curriculum**. Londres: Routledge Press, 2013.
- PRING, R. Education as a moral practice. **Journal of Moral Education**, v. 30, n. 2, p.101-112, 2001.
- SCHINKEL, A. *et al.* **Wonder, education, and human flourishing: Theoretical, empirical, and practical perspectives**. Holland: VU University Press, 2020. 344 p.
- SCHINKEL, A. **Wonder and education: On the educational importance of contemplative wonder**. New York: Bloomsbury Publishing, 2021. 215 p.
- SCHINKEL, A. Wonder and moral education. **Educational Theory**, v. 68, n. 1, p. 31-48, 2018.
- TROTMAN, D. Wow! What if? So what? Education and the imagination of wonder: fascination, possibilities and opportunities missed. *In*: EGAN, K.; CANT, A.; JUDSON, G. (ed.). **Wonder-full education: The centrality of wonder in teaching and learning across the curriculum**. Londres: Routledge Press, 2013.
- WOLBERT, L.; SCHINKEL, A. What should schools do to promote wonder?. **Oxford Review of Education**, v. 47, n. 4, p. 439-454, 2021.
- WORDSWORTH, W. **Wordsworth**. Reino Unido: Cambridge University Press, 2014.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Gostaria de agradecer ao Prof. Anders Schinkel por disponibilizar os seus livros em inglês.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Respeitei a ética durante a análise e a realização da pesquisa, contudo por não ser empírica, a pesquisa não precisou de aprovação ética.

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável.

Contribuições dos autores: Ellen Nogueira RODRIGUES é responsável pela pesquisa, análise e redação do artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

